

O DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

THE DEVELOPMENT OF CHILDREN'S LITERATURE IN BRAZIL

Cristiane Rodrigues Vieira¹

Sídio Werdes Sousa Machado²

Ruth Maria Mariani Braz³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma narrativa sobre o desenvolvimento da literatura infantil no Brasil. Para isso usamos uma metodologia qualitativa com uma análise do papel da literatura infantil na formação de leitores críticos. Buscamos os referenciais bibliográficos recentes, mas não dispensamos as obras pioneiras. Verificamos que a literatura nasceu com as narrativas orais, não com a escrita e que a literatura tem sido utilizada na escola como ferramenta didática para ensinar regras sociais, completando as funções pedagógicas do ensino. Concluímos que a literatura infantil pode ser utilizada para variados fins, consciente disso, o campo mercadológico tem investido com todo afincamento para agradar o seu público alvo; tem sido utilizada para abordar temas considerados complexos para o entendimento de uma criança, como: a separação, a morte, a deficiência, dentre outros; mas a fantasia que os livros proporcionam é imprescindível para o desenvolvimento do imaginário das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão; Literatura Infantil; História da Literatura infantil.

ABSTRACT: This article aims to present a narrative about the development of children's literature in Brazil. For this, a qualitative methodology is used with an analysis of the role of children's literature in the formation of critical readers. We search for recent bibliographic references, but we do not dispense with pioneering works. It verifies that literature was born with oral narratives, not with writing and literature was used at school as a didactic tool for social rules, completing the pedagogical functions of teaching. Conclude that children's literature can be used for fine variables, aware of this, or the marketing field is invested with all the necessary content to please its target audience; it was used to address topics considered complex for a child's understanding, such as: a separation, a death, a disability, among others; but A fantasy that books offer is essential for the development of children's imagination.

KEYWORDS: Inclusion; Children's literature; History of Children's Literature.

INTRODUÇÃO

As literaturas nascem do registro das narrativas orais, posto que a narrativa não começa com a escrita, no entanto, a literatura só se torna possível com a escrita, embora não tenha surgido

¹ Mestrado em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense. Licenciatura em Letras (Português - Espanhol). Professora do colégio Pedro II. E-mail: cris2le@hotmail.com

² Doutorado em Saúde Coletiva (Saúde Pública) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorado em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrado pela UFF. Médico formado em 1980 pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor Associado da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: sidiomac@gmail.com

³ Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialização Lato Sensu em Educação Física Especial na Área de Deficiência Mental (Universidade Castelo Branco). Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professora docente I - Secretária de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Docente permanente no Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão (UFF). E-mail: ruthmariani@yahoo.com.br

com ela. O impulso de contar histórias provavelmente nasceu com a comunicação humana, pois era a forma de passar a sua herança cultural para outras gerações (FREIBERGER; BERBEL, 2010).

Desde a pré-história que antecede a invenção da escrita, aproximadamente em 3 500 A.C, a histografia esteve presente na vida dos seres humanos, com as primeiras manifestações gráficas, estes foram registros pictóricos ou escultóricos que tinha como objetivo influenciar a vida através de exemplos registrados. Fernandes (2001) ainda acrescenta que os primeiros materiais utilizados eram pesados e de complexa manipulação como tábuas de argila, lápide de pedras, pranchas de madeira, caixas de cera. A flexibilidade só acontece com a invenção do papiro; posteriormente com a do pergaminho; e enfim, com a chegada do papel na Europa, no séc. XII. Vale lembrar que o papel já havia sido inventado mil anos antes, no séc. II, pelos chineses.

A literatura de Roma tem o seu período clássico com Augusto (27 A.C. – 14 D.C), onde produziu obras influentes e duradouros de vários poetas republicanos: Catulo e Lucrécio, Lucano, Marcial, Juvenal e Estácio figuram como seus herdeiros da chamada "Idade de Prata" da literatura latina (MARMORALE, 1974).

No séc. XV, exatamente em 1455, Johannes Gutemberg cria a imprensa, Bacelar (1999) explica que a bíblia foi o 1º livro a ser impresso, um projeto que levou cinco anos para ser concretizado, foram 300 exemplares, com dois volumes e apesar desse trabalho ter sido um grande sucesso e vendido por alto preço, o dinheiro não foi suficiente para pagar as dívidas do inventor.

A criação da imprensa foi fundamental para a expansão do conhecimento, mas a falência de Gutemberg foi da mesma forma imprescindível. Bacelar (1999) relata que os direitos de comercialização da bíblia foram transferidos para os credores, sua oficina penhorada e as técnicas se tornaram públicas, a produção e a distribuição dos livros se tornaram desgovernadas e com as teses de Lutero circulando, começou um debate a respeito do poderio do clero, a tecnologia da impressão antecipou a transformação científica.

Fonseca (1981), constrói uma paráfrase que diz " Tudo o que no mundo existe, começa e acaba em um livro." Independente do material utilizado, o livro é um meio de comunicação de pensamento que pode ser completado por outros veículos, mas nunca substituído.

Concordando com a valorização do livro como objeto insubstituível, em plena era digital, Bill Gates, fundador da Microsoft, afirma: “Meus filhos terão computadores, sim, mas, antes, terão livros. Sem livros sem leitura, nossos filhos serão incapazes de escrever inclusive sua própria história” (SILVA, 2013, p. 4).

METODOLOGIA

Na pesquisa bibliográfica elaboramos um plano de trabalho, selecionamos os artigos mais recentes, mas não desprezamos as fontes primárias, pois entendemos que as interpretações de textos poderiam alterar o conteúdo que estava sendo pesquisado. Com a intenção de buscar conceitos e resultados da construção da literatura infantil e sua função social na atualidade, realizamos a pesquisa nas seguintes bases acadêmicas de dados: *Educaapes*, *Eric*, *Google Acadêmico*, *Lilacs*, *Periódicos Capes*, *PUBmed* e *Scielo* durante o ano de 2019.

RESULTADOS

Para Costa (2009) a literatura infantil surgiu da oralidade, do folclore com suas lendas, mitos e tradições, porque é natural ao homem a necessidade de contar suas histórias, músicas, crenças, perpetuando assim a sua herança cultural

Não é possível mensurar quando essa contação de histórias começou, mas para Giollo (2012) a data mais provável seja os séculos. IX e X, na Europa. Como bem diz o provérbio popular: "Quem conta um conto, aumenta um ponto", dessa forma as histórias foram se ampliando, se espalhando, se modificando, e se adequando ao momento social, econômico e principalmente, político de cada época.

Fernandes (2001) afirma que o livro é um instrumento de grandiosa significação cultural, e para chegarmos a essa construção de objeto, ou o que temos hoje de mais moderno, como o e-livro (livro eletrônico), um grande processo foi percorrido, pois pesquisas sobre a ancestralidade do livro provam que esse produto começou totalmente diferente da concepção atual.

A literatura infantil nasce, segundo Zilberman (1998) a partir do momento que nasce também a noção de infância. Até o séc. XVII, a criança era vista como um adulto em miniatura. As artes como a pintura e a escultura, retratam como a sociedade enxergava essa criança, sempre apresentada com a estrutura física e roupas de adulto, diferenciando-as apenas na estatura. A partir dos sete anos, as crianças eram inseridas no mercado de trabalho, auxiliando no sustento da família como na própria economia da época, fazendo parte de toda vida dos adultos, inclusive dos sacrifícios humanos em praças públicas da era medieval.

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue

essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se extinguia mais destes. (ARIÈS, 1981, p. 99).

Atualmente, quando pensamos em infância, entendemos como uma fase na vida do ser humano, um momento de puro desenvolvimento. Como vemos com as fragilidades de uma criança e enxergamos seus erros como parte do processo de aprendizagem, qualificamos como engraçado. O "falar errado", o se sujar, os primeiros passinhos, e nas redes sociais, os vídeos que envolvem criança, quer seja em uma simples poça d'água, quer seja comendo o batom da própria mãe, "viralizam" na internet. Na antiguidade, o conceito de fragilidade era negativo, a criança era vista como um objeto fraco e substituível:

As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ARIÈS, 1981, p. 10).

Os adultos tinham expectativas a respeito dessa nossa criança que surgia e esperavam dos pequenos boas normas de comportamentos, com esse fim, literatura e escola se transformam em ferramentas para o controle do desenvolvimento intelectual e emocional das crianças; haja vista, o tema central dos primeiros livros infantis é prevalecer a moralização.

Oliveira e Palo (1986), acrescentam que essa função utilitário-pedagógica da literatura a desqualificou, caracterizando-a como uma literatura menor, por ser mais pedagogia do que literatura. A literatura infantil era um novo gênero nascendo e como tudo que é novo, passa por barreiras das incertezas e apreensões. Por preconceito, alguns escritores se recusavam a assinar uma obra infantil, utilizando como subterfúgio um pseudônimo, é o que acontece com Charles Perrault quando publica os "Contos da Mamãe Gansa" em 1697, confere a autoria a seu filho caçula, Pierre Darmancourt, pois para o escritor, membro da Academia Francesa, ter seu nome em uma obra popular seria vergonhoso.

Coelho (2000), concorda que desde o início a literatura esteve ligada a função de distrair e ensinar; contudo, quanto às opiniões divergentes sobre sua natureza, se a literatura é mais pedagogia, ou se é mais arte, a autora afirma que a literatura pertence às duas áreas simultaneamente e esclarece:

Sob esse aspecto, podemos dizer que, como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia. (COELHO, 2000, p. 46).

Para Coelho (1991), é na idade média que surgem duas fontes distintas de literatura, uma culta, que são as aventuras de cavalaria e a outra popular, advindas de narrativas gregas ou orientais, o que mais tarde se transformará em literatura infantil.

Salem (1970), afirma que os primeiros livros da literatura infantil foram `Os Catecismos`, em 1684, que tinham por objetivo ensinar o cristianismo `as crianças com uma linguagem acessível.

Apesar das manifestações artísticas já estarem presentes desde os séculos IX e X, convencionou-se o séc. XVII como marco da literatura infantil. Nesse momento, encontramos um ponto divergente entre os estudiosos da área. Coelho (1991) afirma que é no séc. XVII que se inicia essa literatura preocupada e voltada para crianças e jovens. Lajolo & Zilberman (2007) discordam desse marco inicial, porque as obras são adaptadas e não construídas especificamente para crianças.

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 14).

Amaral (1992) aceita a convenção sobre a gênese da literatura infantil e esclarece a divergência das três autoras com a seguinte afirmação "Como dizia, embora o germe da literatura infantil encontre-se no séc. XVII, é efetivamente no século seguinte que ela encontrará seu florescimento" (AMARAL, 1992, p. 127).

Os clássicos infantis fazem sucesso até os dias de hoje, encantam crianças e adultos, seja nos teatros ou nos musicais, como também nas atividades familiares e objetos mais simples do cotidiano, como festas infantis ou na mochila escolar, os clássicos parecem eternizados. Como na época não havia direitos autorais, Perrault, Grimm, Andersen e La Fontaine se consagraram e ganharam premiações com narrativas que não eram de suas autorias. Coelho (1991), afirma que talvez ignoremos ou esqueçamos, mas esses escritores foram pessoas interessadas na literatura

folclórica da sua região, que tiveram a sensibilidade e o trabalho de reunir e escrever as histórias que já eram transmitidas de geração em geração.

Com a Revolução Industrial na Inglaterra, uma série de transformações mudam não somente a paisagem, mas também a maneira de agir e de pensar dos homens. Nesse período, o moinho de vento, o tear mecânico e a roda d'água são substituídos pelo carvão mineral. O uso da energia passa a ser explorada, o país se transforma em um lugar industrial e urbanizado, surgindo as estradas, fábricas, usinas, transformando totalmente a paisagem natural. Com o processo de industrialização, ocorre a mecanização do campo e a necessidade de mão-de-obra nas indústrias, a população migra para as cidades, o que se denominou como êxodo rural, contudo, esse excesso de mão-de-obra, Lajolo e Zilberman (2007), explicam que criou-se um outro problema, a falta de emprego e o aumento da criminalidade.

Com o surgimento da burguesia, os laços familiares se estreitaram, os papéis a serem desempenhados foram definidos. O pai, era o provedor econômico da família e a mãe, a responsável pela gerência e organização do bom andamento do lar, mas para que tais papéis fossem desempenhados, a família teria que a partir desse momento a cuidar de seus filhos, isto é, criá-los, zelar para que eles sobrevivessem a primeira fase de vida, a sobrevivência passa a ser meta desse novo tipo de organização.

Badinter (1985) explica que nesse período ocorreu uma espécie de " revolução das mentalidades", o papel que a mãe passa a desempenhar foi uma mudança radical, se bem que na prática essa mudança foi mais lenta. Elas foram incentivadas a amamentar e criar seus filhos, vale lembrar que até esse período, quando uma criança nascia era entregue `a ama-de-leite, tal atitude era justificada por vários argumentos: por prejudicar `a saúde da mãe, por não ser conveniente, porque poderiam perder a beleza, para não deformar o seio, por ser uma atitude pouco digna perante `a sociedade, porque era um gesto despudorado e porque enquanto amamentava a mulher não poderia ter relações com seu marido.

Nessa época, a mulher não ocupava nenhuma posição de prestígio, e acreditou que desempenhando o papel de "rainha do lar", alcançaria algum tipo de ascensão e o respeito por parte da sociedade e do marido. Algumas foram convencidas e incentivadas pelos ideólogos que diziam " Sede boas mães, e sereis felizes e respeitadas ". Tornai-vos indispensáveis na família e obtereis o direito de cidadania."(BADINTER, 1985, p. 147). Contudo, as mulheres não tiveram opção, porque aquelas que não aceitaram e resistiram a esse pensamento, foram perseguidas.

Lajolo & Zilberman (2007), afirmam que a burguesia era uma classe social consolidada por seu imenso patrimônio, mas ainda precisava se legitimar enquanto poder político. Com essa finalidade, a burguesia passa a incentivar o crescimento das instituições que podem lhe favorecer, sendo a primeira delas, a família. O estereótipo de família perfeita, qualificada como "moderna e ideal" passa a ser apresentada como modelo a ser seguido, tornando a vida menos pública e mais doméstica, impulsionando os reais interesses político-econômicos da burguesia.

A família não é, portanto, algo biológico, algo natural ou dado, mas produto de diferentes formas históricas de organização entre os humanos. Premidos pelas necessidades materiais de sobrevivência e de reprodução da espécie, os humanos estabeleceram entre si diferentes formas de organização a fim de garantirem sua subsistência. (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 396).

Não há dúvida que o amor materno é um sentimento verdadeiro, contudo, não é possível aceitar que esse amor é inerente à espécie humana, pois a história prova que o mesmo precisou ser incentivado, aprendido e construído.

É possível constatar que as normas de comportamento são regras que ocorrem ao longo da história e sempre são utilizadas para favorecer a classe dominante. A burguesia ditou as regras da formação familiar, como cada integrante deveria se comportar até que esse pensamento entrasse para o senso comum.

Com o nascimento da criança; ou melhor, da noção de infância; e o nascimento da mãe, ou melhor, das noções de comportamentos esperados para essa mulher, surge também a necessidade de objetos que propiciassem essa nova estrutura de família. Lajolo & Zilberman (2007), afirmam que esse novo papel da criança na sociedade impulsionará na construção de especialidades direcionadas a ela, como a pediatria, a psicologia infantil, a pedagogia, o brinquedo e finalmente, o livro infantil, nosso objeto de pesquisa.

Com a instituição familiar atendendo aos interesses da burguesia, o novo alvo desse grupo social passa ser a escola; e esta, como a família, também desempenhará o papel de cooperar para a solidificação ideológica e política mesocrática.

Até o séc. XVIII, a instituição escolar era oferecida de forma facultativa, mas com o passar dos tempos, com a justificativa de que era preciso preparar essa criança para o mundo, a escola foi se tornando obrigatória para todas as classes sociais. Com a industrialização em pleno crescimento

e a modernização sendo acelerada por conta das novas tecnologias, o livro rapidamente passa a ser um objeto mercadológico, mas se um livro é basicamente formado de palavras, essa criança precisa saber ler, daí temos o encontro de escola e literatura, e a escola desempenhará mais uma função "a habilitação da criança para o consumo de obras impressas." (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.17).

Das obras publicadas para as crianças no séc. XVIII, poucas agradaram ao público infantil, isto porque seu caráter pedagógico, comprometido tão somente com a educação lhe faltavam encantamento. Dessa forma, afirmamos que os Contos da Mamãe Gansa, em 1697, de Charles Perrault são o marco do início da literatura infantil no mundo.

Perrault não é responsável apenas pelo primeiro surto de literatura infantil, cujo impulso inicial determina, retroativamente, a incorporação dos textos citados de La Fontaine e Fénelon. Seu livro provoca também uma preferência inaudita pelo conto de fadas, literarizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral, adotada doravante como principal leitura infantil. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 15).

No quadro 1 temos alguns exemplos de obras que se destacaram com os respectivos autores, muitas destas obras foram traduzidas em diferentes línguas e assim perdeu-se o texto original, o que permanece muitas vezes são reinterpretações de acordo com o pensamento de cada época.

Quadro 1. As principais obras infantis da Europa.

ANO	OBRA	AUTOR
1668	Fábulas	La Fontaine
1697	Contos da Mamãe Gansa	Charles Perrault
1719	Robison Crusóe	Daniel Defoe
1726	As viagens de Gulliver	Jonathan Swift
1812	Contos de fada	Os irmãos Grimm
1816	Os ovos de Páscoa	Cônego von Schmid
1826	O último dos Moicanos	James Fenimore Cooper
1833	Contos	Hans Christian Andersen
1839	Oliver Twist	Charles Dickens
1857	As meninas exemplares	Condessa de Ségur
1863	Alice no país das maravilhas	Lewis Carroll
1863	Cinco semanas em um balão	Jules Verne

1869	Mulherzinhas	Louise M. Allcott
1876	As aventuras de Tom Sawyer	Mark Twain
1881	Heidi	Johanna Spiry
1882	A ilha do tesouro	Robert Louis Stevenson
1883	Pinóquio	Collodi
1886	Coração	Edmond De Amicis
1911	Peter Pan	James Barrie

Fonte⁴: Produzido pelas autoras.

A literatura infantil acendeu o imaginário tanto dos adultos quanto das crianças, respondeu as dúvidas em relação a tantas perguntas que temos em relação ao mundo que nos cerca, possibilita uma sensibilização sobre diferentes temas, podemos pensar e recriar novas possibilidades para solucionar questões e instigar a curiosidade, a atenção, sendo assim ela é um meio e não um fim.

A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Segundo Lajolo e Zilberman (2007), a literatura infantil chega ao Brasil entre os séculos XIX e XX, e por já ter passado por uma série de transformações e adaptações para atender ao público infantil da Europa, ela nos é apresentada de forma bem mais estruturada, todavia, o cenário brasileiro encontrava-se em "desordem", com mudanças profundas de ordem política, social e econômica.

Em 1808, temendo as ameaças de Napoleão Bonaparte e suas tropas francesas, e sem ter poder militar para o enfrentá-los, a corte portuguesa se viu obrigada a fugir para o Brasil, sua principal colônia, e com o auxílio da Inglaterra, chegaram em terras brasileiras. Essa chegada trouxe uma série de prejuízos para os moradores da colônia, muitos foram despejados, porque suas casas foram escolhidas para abrigar os portugueses. Afinal, segundo o texto⁵ "1808: A transferência da corte portuguesa e a monarquia no Brasil", em três anos, desembarcaram no Brasil quase quinze mil portugueses.

⁴ Quadro organizado com informações do livro *Literatura Infantil História & Histórias* das autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman e do artigo "Literatura infantil" de Cristiana Gomes, do site: <https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil-brasileira/>

⁵ Texto: " 1808: A transferência da corte portuguesa e a monarquia no Brasil" de Fábio Monteiro. Fonte: <https://www.politize.com.br/1808-corte-portuguesa-no-brasil/>. Publicado em 17 de julho de 2018.

A chegada da Família Real também trouxe inúmeros benefícios para o Brasil, pois D. João tomou medidas que possibilitaram uma maior infra-estrutura tencionando o desenvolvimento e o progresso de uma colônia que se transformaria na nova sede de Portugal. Paulatinamente, o Brasil passa por uma evolução social, política e econômica, as condições necessárias para a sua independência. Quanto ao fomento cultural, a criação de uma Academia Real de Belas Artes, a criação da imprensa e a fundação da Biblioteca Nacional serão estruturas basilares para a formação da literatura.

Para Reis (2015), o hábito da leitura e aquisição de livros também são atos importados com a chegada da Família Real. O brasileiro tinha "lacunas intelectuais" e graças a criação das universidades e a promoção de uma imprensa nacional a colônia segue na busca pelo desenvolvimento.

Com a chegada da Missão Francesa, em 1816, o Brasil dá mais um passo ao seu desenvolvimento intelectual, pois chega ao Brasil um grupo de franceses formado por artistas que esculpiam, pintavam, desenhavam e tinham a missão de ensinar as artes plásticas no RJ, dos quais destacamos o desenhista e pintor Jean Baptiste Debret, que com sua pintura nos oferece um registro histórico dos costumes, paisagens e tipos humanos da época.

Vale ressaltar, que com a criação da imprensa régia, os livros já poderiam ser impressos em português ou traduzidos, e circular livremente na colônia; contudo, a censura ainda permanecia controlando o conteúdo que não poderia ser considerado indecente, irreligioso e obsceno. A extinção da censura só ocorreu em 1821, aumentando o número de livrarias, tradutores e tipografias.

Segundo Reis (2015) a primeira tipografia da história foi a Silva Serva; a tipografia Baptiste Louis Garnier, de Garnier, um livreiro francês, também se destacou pelas numerosas traduções das obras europeias para o português, principalmente as francesas.

O trabalho dos tradutores foi essencial para o desenvolvimento cultural do Brasil, era o mundo se abrindo aos brasileiros, mas Reis (2015) explica que não foi tudo tão simples assim, a matéria prima tinha um custo muito elevado, o papel no Brasil era tão caro, que era preciso imprimir as obras na França e depois trazê-las para o Brasil. Com o promissor navio a vapor, os livros levavam cerca de 22 dias de Paris ao Rio de Janeiro e o baixo custo dos livros importados, garantiu o sucesso do programa.

A instrução pública foi uma das maiores esferas da tradução técnico-científica em pleno Brasil Império. Inúmeros foram os opúsculos, compêndios didáticos, dicionários, gramáticas, glossários, regimentos, coleções, atlas e tratados traduzidos que beneficiam desde o nível de ensino mais básico até o nível superior. (REIS, 2015, p. 35).

Para Lajolo e Zilberman (2007), a literatura infantil no Brasil, só inicia verdadeiramente após a Proclamação da República. Carvalho (1989), afirma que a literatura infantil no Brasil foi precedida por jornais direcionados ao público infantil, o que ela classifica como a primeira fase da literatura infantil. Reis (2015) esclarece que a literatura infantil era um gênero popular produzido em periódicos, como os folhetins, jornais e revistas, depois é que se transformavam em livros para serem vendidos, e que neste período, a literatura já se apresentava intersemioticamente; isto é, com gravuras e ilustrações para enfatizar alguma parte da história ou até mesmo para facilitar a leitura, o "entrelaçamento de imagem e texto".

Com o processo de urbanização do Brasil, a população passa a se deslocar da zona rural em direção à urbana. Para Lajolo e Zilberman (2007), esse é o momento ideal para o surgimento da literatura infantil, uma vez que inicia o processo de aglomeração de pessoas, para a literatura isso significa uma variação de público alvo a ser atingido, o que possibilita a construção de variadas publicações.

Reis (2015), afirma que o profissional que desempenhava as traduções ganhava por lei, a autoria do livro em língua portuguesa, uma espécie de coautoria. Até 1880, a literatura infantil foi resumida a traduções das obras europeias. Leão (2003), declara que sendo as obras produzidas em Portugal, apresentavam uma variante linguística distinta do português do Brasil.

Com o novo modelo social surgindo no Brasil, o conhecimento passa ser valorizado, cresce o investimento em campanhas a favor da educação e da escola, nesse momento, os livros traduzidos sofreram severas críticas, pois não poderiam dar o suporte que a educação precisava, a sociedade começa a sentir a necessidade de uma literatura infantil genuinamente sua, uma literatura infantil brasileira.

E tantos alertas, denúncias e sugestões não caíram no vazio: o apelo foi ouvido. Intelectuais, jornalistas e professores arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra; começaram a produzir livros infantis que tinham um endereço certo: o corpo discente das escolas igualmente reivindicadas como necessárias à consolidação do projeto de um Brasil moderno. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 26-27).

Algumas tentativas foram tomadas para diminuir esse distanciamento linguísticos dos textos, e alguns tradutores se empenharam em traduzir e também adaptar o livro para que se aproximasse mais da realidade do Brasil. Destacamos dois autores (quadro 2), que muito contribuíram com o trabalho de adaptação.

Quadro 2: Traduções de Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel.

CARLOS JANSEN	
ANO	OBRA
1882	Contos seletos das mil e uma noites
1885	Robinson Crusóe
1888	Viagens de Gulliver
1891	As aventuras do celeberrimo Barão de Munchhausen
1894	Contos para filhos e netos
1901	D. Quixote de la Mancha
FIGUEIREDO PIMENTEL	
ANO	OBRA
1894	Os contos da Carochinha (Clássicos de Grimm, Perrault e Andersen)
1896	Histórias da avozinha
1896	Histórias da baratinha

Fonte: Arquivo Pessoal

Zilberman (1998) define a literatura infantil como um produto cultural da burguesia e que um século depois, repetiu no Brasil o mesmo processo da Europa, uma literatura didática com a função de ensinar as regras sociais, completando as funções pedagógicas, amparando o novo modelo de família e de infância que nascia no Brasil.

UMA LITERATURA GENUINAMENTE BRASILEIRA

Após a literatura infantil no Brasil receber várias críticas, algumas estratégias foram utilizadas com o intuito de fornecer ao pequeno leitor um texto adaptado que lhe despertasse um sentimento de pertencimento, de ufanismo e principalmente de empatia linguística. Contudo, esse sonho só é atingido pelo escritor Monteiro Lobato.

Registrado como José Renato Monteiro Lobato, nasceu no ano de 1882 em Taubaté, São Paulo. Seu pai se chamava José Bento Marcondes Lobato e é por isso que o escritor muda seu nome para José Bento Monteiro Lobato, ficando com o prenome do pai e fazendo juízo ao uso de uma bengala que herdara do pai, cujas iniciais eram J.B.M.L. Pertencente a uma família de fazendeiros do café, teve a oportunidade de estudar e fazer os cursos primário e ginásio, onde desde o início demonstrava seu interesse pela redação, escrevendo artigos para o grêmio estudantil.

Aos dezessete anos já estava órfão de pai e mãe, ficando sob a responsabilidade de seu avô materno, que tentou reprimir seu gosto pela pintura e não lhe permitiu estudar na escola de Belas-Artes, por esse motivo, Lobato foi estudar na Faculdade de Direito de São Paulo, onde participou pouco das disciplinas acadêmicas e intensamente do grêmio literário.

De comportamento eclético, ao longo de sua vida desempenhou variadas funções, foi: jornalista, fotógrafo, promotor público, desenhista, administrador, editor, empresário, tradutor e escritor.

Zilberman (1998), afirma que Lobato quebra com as padronizações importadas da Europa e constrói uma literatura com personagens folclóricos, ambientes rurais, com crianças como os personagens heróicos da história, possibilitando ao pequeno leitor uma identificação direta com o esse herói.

Ao contrário dos clássicos estrangeiros, ele não recriou seus contos de outros; ele os criou. Embora se utilizasse do rico acervo maravilhoso da Literatura Clássica Infantil de todo o mundo, a inspiração maior e básica de Lobato foi a própria criança, os motivos e os ingredientes de sua vivência: suas fantasias, suas aventuras, seus objetos de jogos e brinquedos, suas travessuras e tudo o que povoa a sua imaginação... Reencontrou a criança, amealhou toda a riqueza e criatividade de seu mundo maravilhoso e construiu um universo para ela, num cenário natural, enriquecido pelo Folclore de seu povo, aspecto indispensável à obra infantil. (CARVALHO, 1998, p. 133).

Lobato conhecia bem os problemas do povo e levava toda sua insatisfação e militância para suas obras, seus projetos revolucionários, seu sonho de transformar a escola e o mundo em um espaço melhor, mais culto, menos desigual, com respeito a natureza e ao ser humano, defendia as verdades e para isso, ele usava o livro como objeto de encantamento e como fonte da denúncia social.

Para o escritor, o livro era um bem cultural que deveria ser democratizado, por isso vendia livros em farmácia, lojinhas, açougues e também os doava. A preocupação com a acessibilidade já estava nos pensamentos de Lobato, e ele quebrou mais um paradigma, a visão de que o popular é

sempre inferior, seus livros são populares, com histórias de fácil entendimento, mas de excelente qualidade.

Por buscar esse número crescente de leitores, Lobato trabalhava em seus textos questões sociais que retratavam a realidade da época. Apesar de ter pertencido a uma família de posses, sempre se preocupou com o coletivo e acreditava que para o desenvolvimento do Brasil, era preciso educar o povo, como declara "Um país se faz com homens e livros".

Lobato estreia na literatura adulta, mas em 1920 escreve seu primeiro livro infantil "A Menina do Narizinho Arrebitado", que mais tarde se transformaria no primeiro capítulo "Reinações de Narizinho", uma coletânea do autor com obras já publicadas.

As crianças que liam Lobato eram tratadas como os críticos das obras. O autor costumava trocar correspondência com seus leitores, a fim de saber suas opiniões. De acordo com o texto⁶ "Cartas ao Lobato", observamos que além de opiniões, o escritor também aceitava sugestões para criar novas aventuras. A essa troca de correspondência, Lobato chamava de "tesouro particular".

Segundo a Revista Ciência Hoje, na obra "O Picapau Amarelo" de 1939, o escritor resolve homenagear seus amigos de correspondência e dar a eles a oportunidade de conhecer o sítio nas páginas do livro. No capítulo "Os Visitantes", todas as crianças do texto eram seus leitores correspondentes, além de seus dois netos, Joyce e Rodrigo.

Para Cunha (2003), Lobato é o marco da verdadeira literatura infantil brasileira, destacamos as obras de Lobato no quadro 3. Para Zilberman e Magalhães (1987), ele é mais que um marco, ele é a referência máxima da literatura infantil brasileira.

Quadro 3. As obras de Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira.

ANO	OBRA
1920	A menina do nariz arrebitado
1921	Fábulas de Narizinho
1921	Narizinho arrebitado
1921	O saci
1922	O marquês de Rabicó
1922	Fábulas

⁶ O texto "Cartas ao Lobato", Revista Ciência Hoje das crianças. Revista de divulgação científica para crianças, ano 22, nº 205, setembro de 2009, 2ª edição. p. 2-5.

1924	A caçada da onça
1924	Jeca Tatuzinho
1924	O noivado de Narizinho
1927	As aventuras de Hans Staden
1928	Aventuras do príncipe
1928	O Gato Félix
1928	A cara de coruja
1929	O irmão de Pinóquio
1929	O circo de escavalinho
1930	Peter Pan
1930	A pena de papagaio
1931	Reinações de Narizinho
1931	O pó de pirlimpimpim
1932	Viagem ao céu
1933	Caçadas de Pedrinho
1933	Novas reinações de Narizinho
1933	História do mundo para crianças
1934	Emília no país da gramática
1935	Aritmética da Emília
1935	Geografia de Dona Benta
1935	História das invenções
1936	Dom Quixote das crianças
1936	Memórias da Emília
1937	Serões de Dona Benta
1937	O poço de Visconde
1937	Histórias de Tia Nastácia
1938	O museu da Emília
1939	O Minotauro
1941	A reforma da natureza
1942	A chave do tamanho

1944	Os doze trabalhos de Hércules
1947	Histórias diversas

Fonte: Arquivo Pessoal.

Reconhecido por sua imensa contribuição, não só na literatura, mas também por lutar por interesses nacionais, Lobato é homenageado de variadas maneiras pelos brasileiros, seja por salas com o seu nome, bibliotecas, festas infantis, ou ainda por lei. O presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou em seu mandato a Lei nº 10.402/02 e decretou: "Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional do Livro Infantil, a ser comemorado, anualmente, no dia 18 de abril, data natalícia do escritor Monteiro Lobato".

Em 1967, a G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira homenageou o escritor através de seu samba-enredo⁷ "O Mundo Encantado de Monteiro Lobato", sendo a campeã do carnaval carioca. A letra do samba é a expressão pública e o reconhecimento da grandiosidade das obras do artista, que com sua mente criativa ensinou aos brasileiros a experimentar o mundo da imaginação. A poesia foi composta por Batista, Darcy da Mangueira, Hélio turco, Jurandir e Luiz da Mangueira e cantada por Elza Soares, a primeira mulher a puxar um samba-enredo em um carnaval.

Atualmente, existe uma discussão se as obras de Lobato têm elementos racistas que podem desqualificar a imagem do negro na sociedade, contudo, essa polêmica tem servido também para discutir o papel da literatura, a formação do professor e a capacidade individual de interpretação dos leitores.

Às vésperas de completar cem anos de literatura infantil, as obras de Lobato ainda são distribuídas nas escolas pelo Ministério da Educação, são objetos de pesquisa de mestrados e doutorados e ainda estão no bojo da discussão da sociedade entre Ministério Público e Instituto de Advocacia Racial.

CONCLUSÃO

Por isso tudo, concluímos que Lobato, com seu pozinho de pirlimpimpim, ultrapassou os limites do tempo, só podendo receber o veredito de: um artista completo.

⁷ Informações extraídas do site <http://qualdelas.com.br/o-mundo-encantado-de-monteiro-lobato-2/> em 30/01/2019.

A literatura infantil pode ser utilizada para variados fins, consciente disso, o campo mercadológico tem investido com todo afincamento para agradar o seu público alvo, alcançando o maior número de leitores possível, investindo na construção de diferentes tipos de livros.

A literatura infantil é uma ferramenta de muito valor, extremamente utilizada para abordar temas considerados complexos para o entendimento de uma criança, como: a separação, a morte, a deficiência, dentre outros, como também auxilia no desenvolvimento da fantasia, que é imprescindível para o desenvolvimento do imaginário e a criatividade das crianças.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 1981.

AMARAL, L. A. **Espelho Convexo**: o corpo desviante no imaginário coletivo pela voz da Literatura Infanto-Juvenil. 1992. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

BACELAR, J. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar_apontamentos.pdf. Acesso em: 27 jan. 2019.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor eterno. 8. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. Lei. 10.402, de 8 de janeiro de 2002. Institui o Dia Nacional do Livro infantil. **Diário Oficial da união**, Brasília, DF, 8 dez. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10402.htm. Acesso em: 15 jan. 2019

CARVALHO, B. V. de. **A Literatura Infantil** – Visão Histórica e Crítica. 6. ed. São Paulo: Global, 1989.

COELHO, N. N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil Juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, M. M. da. **Literatura Infantil**. 2. ed. Paraná: Iede Brasil, 2009.

CUNHA, M A. A. **Literatura Infantil** – Teoria e Prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FERNANDES, A. Notas Sobre a Evolução Gráfica do Livro. In SÁ, Fernando (org.). **Comum**. Rio de Janeiro: Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2001. v. 6, n. 17. p. 1. Disponível em: <http://www.amaury.pro.br/artigos.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FONSECA, E. N. da. Tudo o que no mundo existe começa e acaba em livro. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 10, n. 1, jun. 1981. ISSN 1518-8353. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/156>. Acesso em: 15 jan. 2019.

GIOLLO, T. A. C. **Literatura Infantil e Infância**: Um Panorama da Produção Literária Voltada para Crianças. 2012. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) – Curso de Pedagogia, Faculdade Cenequista de Capivari - FACECAP. São Paulo, 2012.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEÃO, A. B. **Brasil em Imaginação**: livros, impressos e leituras infantis. Fortaleza: INESP-UFC, 2012.

MARMORALE, E. V.; JÚNIOR, J. B. **História da literatura latina**. 1974.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. A Concepção de Família de uma Mulher-Mãe de Vítimas de Incesto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 3, p. 395-406, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v19n3/a08v19n3.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

OLIVEIRA, M. R. De; PALO, M. J. **Literatura infantil**: voz de criança. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

REIS, D. da S. Impactos da Tradução Escrita no Brasil do Século XIX. **Tradução em Revista**, v. 18, p. 54, jan./ago., 2015. DOI 10.177771/Puc Rio. Trd Rev. 24872

SALEM, N. **História da literatura infantil**. 2. ed., São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1970.

SILVA, E. C. P. **A influência da leitura para o aperfeiçoamento da escrita**. 2013. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) – Curso de Letras, Faculdade de Pará de Minas - Pará de Minas, FAPAM. Minas Gerais, 2013. Disponível em: <http://fapam.web797.kinghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/1042014205347ELIZA.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2019.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 10. Ed. São Paulo: Global, 1998.

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. **Literatura Infantil**: Autoritarismo e Emancipação. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.